

# Apresentação

## O custo da falta de ousadia

*É impossível dar respostas definitivas, sem controvérsias, a perguntas hipotéticas sobre os acontecimentos atuais. No entanto, grande parte do debate internacional atual está centrado justamente numa questão deste tipo: o mundo é um lugar melhor sem Saddam Hussein no poder? A pergunta leva inevitavelmente a outra: o mundo não estaria melhor se o dinheiro e o esforço investidos na guerra no Iraque tivessem sido destinados a outros fins, por exemplo, para ajudar as pessoas pobres?*<sup>1</sup>

*É difícil acrescentar algo novo à quantidade enorme de informações e comentários que já circulam sobre esses assuntos. Porém, é justamente o que este relatório do Social Watch/Observatório da Cidadania faz, ao iluminar essas questões de outro ângulo – o das organizações populares de todo o mundo que estão na linha de frente da batalha contra a pobreza e a discriminação. Quando prevalece a lógica da guerra, a voz de civis é silenciada, seus sofrimentos são ignorados e até mesmo suas mortes deixam de ser contabilizadas.*

*A análise da situação do Iraque apresentada neste relatório foi fornecida pela Associação Al-Amal, a única ONG nacional ativa no país. A Al-Amal, antiga integrante da coalizão internacional do Social Watch, já dava informações de dentro do Iraque muito antes da guerra, com uma visão crítica tanto do regime de Saddam como das ameaças dos Estados Unidos contra aquele regime. Com independência e coragem similares, organizações da sociedade civil da Colômbia<sup>2</sup> denunciam os excessos do governo e da oposição armada na guerra civil de décadas que assola o país, enquanto o Peru dá um exemplo dramático de como o terrorismo e o terrorismo de Estado se combinam para converter pobres e indígenas em vítimas silenciosas e ignoradas de uma “guerra suja”. Os meios de comunicação internacionais e nacionais cobriram amplamente essa “guerra contra o terrorismo”. Como foi possível que o genocídio contra a população indígena tenha passado despercebido? Essa é a pergunta feita pela sociedade peruana, num exercício saudável para evitar a repetição de tais erros.*

*Da mesma forma, milhares de pessoas morrem diariamente no mundo de causas facilmente evitáveis,<sup>3</sup> sem que isso vire notícia na mídia. O mundo se perguntará em alguns anos – como o faz o povo peruano agora: por que ninguém tomou as decisões para evitar essas mortes? Se for assim, nenhuma pessoa que governa um país poderá alegar não ter sido advertida.*

*Numa entrevista recente à Australian Broadcasting Corporation, o presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, reclamava da enorme desigualdade entre os gastos governamentais com despesas militares*

*globais e o financiamento de programas de desenvolvimento. “Destinamos cerca de US\$ 50 bilhões para gastos com o desenvolvimento e US\$ 1 trilhão para despesas militares; acho que há um desequilíbrio”, disse ele. Outras vozes têm apontado conseqüências ainda piores: vítimas civis diretas, violações dos direitos humanos em grande escala, crescente xenofobia e desrespeito às leis internacionais.*

*Ainda é muito cedo para avaliar a extensão dos danos causados por conflitos que mataram milhões de pessoas a um sistema legal e institucional internacional, com a Organização das Nações Unidas (ONU) em seu centro, construído cuidadosamente ao longo de décadas. No entanto, está claro que a desconfiança do público na palavra daqueles(as) que o lideram não contribui para fortalecer a democracia.*

*Quando os governos fazem promessas, uma parte substancial da opinião pública tende a mostrar-se cética. Afinal, há cinco séculos, Nicolau Maquiavel, fundador do que hoje é conhecido como “ciência política”, justificou essa incredulidade ao afirmar que “um príncipe nunca carece de razões legítimas para quebrar suas promessas”. Por outro lado, o colunista estadunidense Herbert Agar, ganhador do Prêmio Pulitzer, atribuiu enorme valor às promessas feitas durante os tempos difíceis da Grande Depressão: “A civilização está baseada numa série de promessas; se elas são quebradas com demasiada freqüência, a civilização morre, não importando o grau de sua riqueza ou avanço tecnológico. A esperança e a fé dependem das promessas; se a esperança e a fé desaparecem, tudo desaparece”.*

*Presidentes e primeiros(as)-ministros(as) de quase todos os países independentes do mundo fizeram uma grande promessa no ano 2000: erradicar a pobreza da face da Terra em uma geração.*

*O Social Watch foi criado em 1995 justamente para relembrar aos governos os compromissos assumidos de dar prioridade à equidade entre os gêneros e à erradicação da pobreza nas suas agendas nacionais e internacionais. Desde então, coalizões de cidadãos e cidadãs de cerca de 50 países de todos os continentes informam todos os anos sobre suas conclusões. Nunca essa tarefa pareceria tão necessária e, ao mesmo tempo, tão difícil de realizar.*

*Por esses motivos, no lugar de pedir que as coalizões nacionais do Social Watch concentrassem sua pesquisa para este relatório numa das numerosas metas de desenvolvimento acordadas pela comunidade internacional,<sup>4</sup> a questão que lhes apresentamos foi a seguinte: “Quais são os principais obstáculos à segurança humana em seu país?”.*

*A grande variedade de respostas a essa questão constitui a essência deste relatório.<sup>5</sup> Certamente, a segurança inclui a ausência de medo, porém as pessoas temem a guerra, o terrorismo, o conflito civil,*

1 Ver, neste relatório, o artigo de Ziad Abdel Samad para uma perspectiva regional da relação entre “segurança” e “segurança humana” no Oriente Médio.

2 Alguns informes de países estão disponíveis apenas no CD-ROM que acompanha esta publicação.

3 Ver, neste relatório, o artigo de Carlos André F. Passarelli para uma análise em profundidade dessa situação em relação à pandemia do HIV/Aids.

4 Por exemplo, relatórios anteriores do *Social Watch* estavam concentrados na educação, na pobreza ou em serviços sociais essenciais.

5 Para uma análise dos problemas comuns e diferentes refletidos nos relatórios nacionais, ver o artigo de Karina Batthyány.

*o crime e a violência doméstica. Esses temores não podem ser dissociados do medo do desemprego, da doença, da pobreza, da exclusão e da discriminação. Em alguns casos, as pessoas temem as próprias instituições que deveriam garantir a sua segurança. Em outros, os mesmos desequilíbrios nas prioridades, assinalados por Wolfensohn em escala global, ocorrem em escala nacional. Muito se fala, mas pouco se faz sobre as Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs), que estabeleceram objetivos globais para reduzir a pobreza e promover a equidade entre os gêneros antes de 2015. O Banco Mundial, presidido por Wolfensohn, embora esteja teoricamente comprometido com a luta contra a pobreza e com as MDMs, na realidade aloca seus fundos de acordo com um sistema secreto que promove políticas de efeito contrário.*

*As MDMs não deveriam ser somente uma oportunidade para as instituições de desenvolvimento, como o Banco Mundial, captarem mais recursos de países doadores relutantes, mas um ponto de referência para medir políticas públicas e resultados. A finalidade essencial de chegar a um acordo sobre parâmetros de referência e indicadores é permitir ao público avaliar e monitorar o desempenho de seus governos e das instituições internacionais que eles controlam. Ao mesmo tempo, a exigência pública do cumprimento de promessas promove a vontade política para torná-las realidade.*

*É justamente para ajudar cidadãos e cidadãs de todo o mundo a monitorar suas autoridades que o Social Watch complementa anualmente as avaliações produzidas pelas plataformas nacionais com tabelas comparativas internacionais.*

*Índices, classificações e avaliações para cada uma das diferentes áreas do desenvolvimento social mostram a persistência de enormes desigualdades no mundo, com uma distância crescente entre pessoas ricas e pobres, assim como esforços substanciais de muitos países em desenvolvimento para melhorar a situação de suas populações. Contudo, os compromissos assumidos pelas nações mais ricas não foram cumpridos e está claro que, no ritmo atual, não estarão cumpridos em 2015.*

*Não basta classificar como insuficiente o desempenho mundial; devem-se identificar responsabilidades concretas em todos os níveis. O Fundo Monetário Internacional (FMI) com frequência obriga governos que não aplicam o suficiente em saúde ou educação a fazer generosos pagamentos a credores estrangeiros ou mesmo a deixar ociosos recursos preciosos nas caixas-fortes dos bancos a título de reservas, para prevenir o tipo de instabilidade gerada pelas políticas econômicas recomendadas pelo próprio Fundo. O Banco Mundial somente desembolsa créditos para pobres se seus governos adotarem políticas comerciais que geram desemprego urbano e levam pequenos(as) agricultores(as) à falência, ou se serviços essenciais destinados a pobres forem transformados em empreendimentos lucrativos.*

*Nenhuma das promessas de uma “rodada de desenvolvimento” de negociações comerciais foi cumprida, e, na Organização Mundial do Comércio (OMC), os países desenvolvidos bloqueiam todas as tentativas de reformar o injusto sistema comercial vigente, de forma que viesse a beneficiar os países em desenvolvimento. Além disso, os doadores utilizam a corrupção governamental em muitos países como desculpa para não conceder a Ajuda Oficial para o Desenvolvimento ou mesmo para reduzir essa ajuda. No entanto, as empresas que subornam funcionários e funcionárias desses governos para que aceitem contratos abusivos nunca são responsabilizadas nos países doadores, onde suas sedes estão localizadas.*

*Há 2 mil anos, Sêneca escreveu: “Não é porque certas coisas são difíceis que não ousamos; é justamente porque não ousamos que tais coisas são difíceis”.*

*Nenhuma das medidas necessárias para resolver esses e outros problemas é tecnicamente difícil ou politicamente inviável. De fato, a maioria – ou mesmo a totalidade – teria apoio político maciço em toda parte. A falta de ousadia, a demora e a ausência de ação só farão com que a humanidade não atinja as metas mínimas já acordadas. A frustração das esperanças dos povos e nações de todo o mundo certamente não ajudará a fazer do mundo um lugar mais seguro para nossos filhos e filhas.*

Roberto Bissio  
Coordenador do Social Watch